S. PAULO (Brazil) Sabbado, 19 de fevereiro de 1910 ANNO IV—NUMERO 19

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)
Endereço telegraphico: LANTERNA
Apparece aos sabbados
Fundador: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
Anno . . . . 15$000
Semestre . . . . 8$000

Pagamento Adiantado

Giordano Bruno

Faz hoje tres seculos que se commetteu um crime.

Um homem, illustre pelo seu talento, pela sua eloquencia, pelo seus saber, pela sua coragem, foi vilmente assassinado em Roma, na capital do mundo catholico.

Quem o assassinou?... Um desses muitos desgraçados a quem a sociedade, recusando lhes o alimento do corpo e o alimento do espirito, o pão e a educação, prepara para todos os delictos, não lhes tendo cultivado virtude alguma?...

Não. O assassinato foi, decretado pela sabedoria dum tribunal, que examinou, discutiu, julgou e fulminou a sentença. Esse tribunal—circumstancia aggravante!—era constituido por padres, homens que se dizem ungidos do Senhor, que falam em nome de Deus, que dizem representa-lo na terra e que no-lo annunciam como sendo a mais elevada idealização do Amor, Deus de Bondade, Deus de Clemencia, Deus de Misericordia.

Ha, porém, occasiões em que o assassinato é legitimo... Talvez que aquelle que caiu victima do reaccionalismo fradesco tivesse erguido a mão sobre os que lhe supprimiram a vida...

Não. Foram busca-lo ao seu gabinete de estudo, onde elle meditava as leis do universo. Tiveram-no preso uma infinidade de tempo. Convidaram-no a escrever umas palavras que seriam a sua eterna infamia. E, como elle recusasse, resolveram mata-lo.

O que lhe pediam era uma apostasia.

Foi o que elle recusou.

Foi porque o mataram.

Momento de allucinação deploravel, por certo, causando um homicidio praticado num momento, quasi um acto inconsciente na sua rapidez?...

Não. A morte fôra largamente premeditada para o caso da recusa da apostasia exigida. Fez-se uma deliberação pausada no tribunal. Escreveu-se tranquillamente a sentença e executou-se: a morte a fogo lento, em nome de um Deus que nos dizem ter descido do céu á terra para a todos nos salvar...

***

A victima chamava-se Giordano Bruno.

Fôra frade dominicano. O movimento literario e philosophico da Renascença seduzira-o, porém, e elle abandonara as aridas questões dogmaticas, dedicando-se ao estudo do Universo. Ouvira os écos do protesto de Luthero e acceitara como boa a proclamação do livre exame feita pela Reforma.

Viu então que errara a sua vocação.

Repelliu de si a cogula do frade e reivindicou a sua liberdade de homem.

As arrojadas conclusões a que chegara nas suas lucubrações philosophicas, caladas até então, irromperam com impeto, nos caudaes da sua eloquencia tão admirada pelos discipulos que creara por toda a parte por onde passava.

Tinha em Genebra recebido de João Calvino a nova profissão de fé.

Mas a rigidez calvinista podia acaso convir ao seu espirito ávido de emancipação?

Curta foi, pois, a sua passagem pelo calvinismo. O pensamento não póde ser mettido numa fôrma como um pé numa bota. Precisa expansão, liberdade.

Não tardou, pois, que Giordano Bruno voltasse costas ao dogma calvinista, como já as havia voltado ao dogma romano.

E então foi percorrendo diversas cidades da Suissa, da França, da Italia, ensinando sempre, chamando adeptos, despertando enthusiasmos na mocidade e odios em todos os velhos representantes da Rotina.

Preso finalmente em Veneza, como autor de escriptos contendo materia contra os dogmas christãos, foi entregue á inquisição romana.

A inquisição romana levou-o ao queimadeiro no dia 17 de fevereiro de 1600.

Já lá vão tres seculos.

***

Vejamos as doutrinas principalmente incriminadas.

Giordano Bruno ensinava a unidade da substancia. Não professando claramente o atheismo, esta doutrina levava logicamente á suppressão do conceito divino. Desde que tudo o que existe se dá como modos de manifestação divina, o homem que tem bem a consciencia da sua personalidade, tem ao mesmo tempo a certeza de que Deus se não realiza em si, e encontra a contradicção que o leva á negação. A inquisição accusou-o, pois, de atheismo.

Mais ensinava Giordano Bruno: que o universo é infinito. Como conceber realmente o universo finito, isto é, limitado? Limitado pelo que?... Por outro lado, o universo finito implicaria um centro de attracção commum, onde tudo viria precipitar-se numa confusão chaotica. A doutrina de Giordano, neste ponto, era perfeitamente racional. Mas continha em si implicita a negação do deus pessoal da Theologia, perfeitamente privada de funcções num universo sem limites no espaço nem no tempo e pondo em jogo as suas forças independentemente de qualquer contra-regra. Este ensinamento de Giordano Bruno concorreu pois a confirmar a accusação de atheismo que contra elle se fazia.

Mais se affirmava Giordano partidario da doutrina, a medo ensinada já por Copernico, do movimento da terra em volta do sol, contra a letra da Escriptura, que diz que *a terra está parada para sempre (terra in eternum stat...)* e que representa Josué mandando parar o sol no seu curso. Doutrina *heretica*, pois, tambem condemnada em Galileu.

Não parava ahi: ousava ensinar que sendo todos os planetas do espaço regidos pelas mesmas leis que actuam sobre a terra, haveria tantas humanidades celestes quantos os planetas capazes de as produzir e sustentar. Negação do erro geocentrico e do erro anthropocentrico, que constituiam doutrina corrente na Igreja, essas doutrinas punham em cheque o dogma de redempção, obrigada a repetir-se em todos os planetas, a não ser que se partisse da affirmativa de impeccabilidade das humanidades celestes.

A inquisição condemnou-o a ser queimado.

HELIODORO SALGADO.

Não espereis o cobrador: fazei a remessa directa do vossa assignatura e assim favorecereis o jornal, tendo tambem direito ao premio, se o envio é feito sem demora, após o recebimento de um ou dois numeros.

Um gatuno...

Em um dos numeros d'*A Verdade*, o padre Ozamis, de Campinas, assegura que o dinheio o arrecadado para a Escola Moderna não terá applicação porque os angariadores o hão de roubar.

Isto, dito por um padre, não tem valor nem merece credito, porque elle está sempre disposto a attribuir aos outros os seus furtos e *escroquerıes*.

Mons. Seckler, v. g., não é angariador da Escola Moderna, nem livre pensador, nem pedreiro livre. Nada disso. E' padre e foi vigario do Braz por algum tempo. Pois bem. Segundo informações de boa fonte o dito monsenhor recebeu diversos donativos para uma escola parochial, que montaram a 500$000. Depois o removeram e o monsenhor achou de bom aviso remover tambem os 500$000, e tão bem o fez que elles até hoje não appareceram.

Que diz, meu caro Ozamis? Olhe que o monsenhor não anda a pedir para a Escola Moderna e, entretanto, é um...

As alegrias do lar



E ainda ha quem diga que os padres não constituem familia...

Sermões ao ar livre

O caso da vendeira de Cracovia, condemnada em todas as instancias por ter — noticia a imprensa — assucar embrulhado em folhas duma publicação religiosa, jesuita aliás, o Mensageiro do Coração de Jesus, *é tão extraordinario no nosso seculo, que temos vontade de duvidar da sua veracidade e de procurar para elle uma explicação mais digna destes tempos e da mentalidade dos nossos amaveis contemporaneos.*

E' verdade que, numa epoca em que se fuzila um Ferrer, inventando-se para isso um pretexto falsissimo e construindo-se de embustes, violencias e armadilhas, perante o mundo maravilhado e indignado, o mais monstruoso dos processos, não deveria de modo algum admirar-nos a pura e simples revivescencia da Inquisição medieval.

Para o horrendo crime de haver fundado escolas sem dogmas — onde não se impingem ás tenras crianças, a martelladas de repetição, as bem conhecidas claridades do mysterio e do absurdo — e isto num paiz onde os negociantes do credo quia absurdum *têm o predominio, a morte não é uma pena verdadeiramente excessiva. Já é uma conquista do progresso — em quanto não se obtém o forno crematorio — que o cadaver, insepulto, não tenha sido abandonado aos corvos, no sentido proprio.*

E portanto, segundo o criterio classico da pena proporcional ao delicto, que muito é que a pobre e timida lojista de Cracovia tenha soffrido a insignificante pena de 7 dias de prisão e um dia de jejum? Bem misericordiosa foi a catholica justiça de Francisco José, imperador.

Em todo caso, sejamos optimistas. Deve haver equivoco, má interpretação, qui pro quo... A sentença deve ter origem em outras causas, amparar-se em outros motivos justos e razoaveis. Nós estamos no anno de graça de 1910 e não no de desgraça de 1510.

Reflectindo bem, o assucar, precioso alimento, sobretudo para as doces criancinhas, tão queridas de Christo, — o qual tambem era doce e tinha um doce coração, — não é um artigo exaggeradamente irreverente e sacrilego. A sua afamada doçura casa-o perfeitamente com a mellica viscera de Jesus. Era uma homenagem, um symbolo delicado, uma allegoria edulcorada — evidentemente isenta de todo azedume e amargor.

A explicação da sentença deve, pois, ser outra, ao menos no sentimento intimo dos integros magistrados...

E ufano-me de a ter encontrado.

Os juizes conheciam, como nós, para mal dos nossos peccados, a linguagem peçonhenta das publicações jesuiticas, o veneno de áspide que ellas distillam adundantemente, e farejaram naturalmente um crime, uma intenção criminosa, uma reprehensivel imprevidencia pelo menos. O assucar era talvez destinado á infancia; e envenenar a infancia não é sómente um crime, mas um sacrilegio. E compromettia o futuro. E destruir a semente.

ZENO VAZ.

Beatificação de um assassino

No conciliabulo de inquisidores protestantes ultimamente reunido no Rio, a 7 de janeiro do andante anno, foi apresentado um memorial pelo inquisidor Galmmon, no qual era elevado ás nuvens o inquisidor-mór João Calvino, como se póde vêr pelos topicos que, com a devida venia, transcrevo:

Considerando — dizia o Galmmon no dito memorial — os elevados serviços prestados á humanidade *(sic)* pelo illustre benemerito *(sic)* João Calvino...; considerando que todas as igrejas calvinistas acabam de celebrar no anno passado o 4º centenario deste grande reformador» *(sic)*.. etc

E por esse estylo, o inquisidor protestante Galmmon perde-se em considerações, quero dizer, em elogios, ao infame assassino de Miguel Servet, que em vida se chamou João Calvino.

Ora, qualquer fanatico protestante, tanto fanatico quanto ignorante, que leia as bajulações que o rev. inquisidor Galmmon faz ao sanguinario Calvino, na 2.ª pag. do *Puritano* de 3 de fevereiro do corrente anno, ha de dizer com os seus botões: — «Realmente, o nosso *santo* papa João Calvino foi um benfeitor da humanidade, um homem *illustre* e virtuoso...»

Com igual razão, bestializado pelas hypocritas insinuações dum Laet qualquer, um catholico-romano tambem poderia exclamar: «Oh! como era bom Torquemada!»; e na opinião deste *bom* catholico, Thomás de Torquemada, o assassino de mais de 114.000 creaturas, passaria por um santo, honra esta que muitos protestantes de hoje conferem a João Calvino.

Entretanto, cumpre advertir — para bem esclarecer tanto a catholicos como a protestantes, menos espertos do que seus directores espirituaes, que tanto Torquemada como Calvino, longe de serem, ao menos, homens humanitarios, nunca passaram de vulgares assassinos, como é facil de verificar com o testemunho de qualquer historiador:

«Torquemada — diz Cantú — exerceu a sua magistratura (1) de um modo que lhe grangeou a immortalidade da infamia.

Segundo os calculos de Llorent (2), durante os 18 annos que elle presidiu ao nefando tribunal da Inquisição, foram queimadas vivas 10.220 pessoas, 6.860 em effigie e 97.321 reconciliadas condemnadas á prisão perpetua.» (*Hist. Univ*, vol. XII, pag. 130).

Eis, pois, a obra de Torquemada: — 114 401 seres humanos queimados vivos, em effigie e condemnados a perpetuo carcere.

«Não sabemos o motivo porque é que a igreja catholica ainda não canonizou este bandido», pondera H. Salgado.

E Calvino, esse que os inquisidores protestantes tanto elogiam e de quem, se seus ritos o permittissem, fariam um santo — será menos digno da canonização do que Torquemada? Vejamo-lo.

Sabido é que Calvino exerceu um poder inquisitorial em Genebra, Suissa, desde 1536 a 1564, tempo em que falleceu; que processou, encarcerou e atirou ás chammas inquisitoriaes um numero prodigioso de creaturas, que, de resto, tambem eram filhos do seu deus (de Calvino); mas o que principalmente o infamou e o poz, por isso mesmo, no catalogo dos maiores monstros humanos, foi o infame procedimento que teve com Miguel Servet, medico hespanhol, a quem, com o maior requinte de ferocidade que caracteriza um religioso, — condemnou ao supplicio do fogo.

Fala outra vez Cantú:

«Servet pediu a esmola de uma camisa a Calvino, que lh'a recusou. Afinal foi queimado vivo em nome duma religião que re geitava a autoridade...» (*Obr. cit.*, vol. XIII, pag. 311).

João Calvino — eis o homem sanguinario que mereceu os elogios de duas duzias de inquisidores protestantes, ha pouco em conciliabulo reunidos!

Continuem, srs. inquisidores protestantes, continuem a imitar os catholicos na arte de mentir, que, pelas columnas d'*A Lanterna*, nos encarregaremos do contrario...

JOSÉ MARTINS.

(1) Torquemada, frade dominicano, de sanguinaria e maldita memoria, foi inquisidor geral do Aragão, Hespanha, desde 1481 a 1498, tempo em que, para felicidade dos aragonezes, morreu.

(2) D. Juan Antonio Llorente (nasc. em 1756 e fal. em 1823) foi secretario geral da Inquisição Hespanhola; deixou escripto uma excellente obra intitulada: *Historia Critica de la Inquisicion de Espana*, em 5 vol., além duma memoria, da qual extrahimos estes apontamentos.

Viagem de cobrança

Dentro de breves dias iniciaremos a cobrança de assignaturas nas linhas Sorocabana, Paulista e Ingleza.

Prevenimos os nossos correligionarios e assignantes afim de que, envidando esforços, poupem o mais possivel o nosso representante, facilitando-lhe do melhor modo a tarefa, satisfazendo promptamente o seu debito.

Jornal de ideias, independente, não recebe *A Lanterna* auxilios escusos, e soffre toda especie de perseguição do clero retrogrado. Revidando e reconhecendo a utilidade de manter a imprensa honesta e livre, de combate ao erro, esperamos que os nossos assignantes concorrerão com todo o enthusiasmo para fortalecer e tornar prospera *A Lanterna*, já pagando a importancia de suas assignaturas, já procurando-nos novos assignantes.

Seja *A Lanterna* um labaro e seus assignantes o formiravel exercito do livre pensamento que marcha, irresistivel, para a victoria final.

Lanterna magica

Palavras e actos

«Os patrimonios da Igreja devem ser considerados como bens dos pobres, e para alivio dos pobres devem os rendimentos ser distribuidos.» (Papa Gelasio I).

Interpretação ecclesiastica: Bens dos pobres, mas administrados pelos padres, que como bons administradores, devem primeiro tratar de si. Caridade bem ordenada...

«Tudo o que um sacerdote detém para si, depois de se ter fornecido do *simples mantimento* e do *simples vestuario*, é furto, rapina, sacrilegio.» (S. Bernardo, com approvação dos concilios de Carthago e de Trento).

E' que hoje os padres tem a barriga maior... A gordura exigelhes mais comida e mais pano.

Maximas christãs

«A heresia é o mais horrivel insulto a Deus: é *o mais monstruoso de todos os crimes*. A morte não consegue extingui-lo: é preciso persegui-lo até na sepultura.

«A morte está em solidariedade com os actos e com os pensamentos do vivo; se elle foi sepultado, convém arranca-lo á terra protectora, arrasta-lo pelas ruase lança-lo aos corvos; será um terrivel exemplo para o povo.»

Padre BERNARDO GUI.

(*Manual pratico da inquisição para o tribunal da Carcassone*).

Igrejas ou escolas

Numa publicação livre pensadora portugueza achamos a seguinte informação:

França Borges, director do *Mundo*, tendo feito um rapido exame ao orçamento geral do Estado referente á 1900-1901 verificou que todos os ministerios excepto o das Obras Publicas, contribuiam para sustentaculo da Igreja e de todo o batalhão sagrado com a quantia de . . . . . 299:416$413 reis, não encontrando no ministerio das obras publicas verba especial para este fim, embora seja um dos que mais dispende com a Egreja centenares de contos, consultou o livro *As despesas publicas em Portugal*, do ex-ministro da fazenda Espregueira, e verificou que em obras de igrejas e conventos em 1888-1889 se gastaram 567:757$259 reis!

Calculem quanto economizaria um governo democratico e um povo illustrado. Mas, como convém ao clericalismo e seus alliados a conservação dos 80 por cento d'analphabetos, gasta-se apenas com a instrucção primaria 218 contos!

D. Juan de batina

O complemento ao telegramma que reproduzimos no numero anterior é o seguinte—muito naturalmente:

ROMA, 10—Telegrapham de Villafranca que a tentativa de envenenamento do padre Rossignoli, hontem telegraphada, é attribuida á vingança de uma mulher por elle seduzida e abandonada.

Rossignoli acha-se já fóra de perigo.

O facto tem produzido grande sensação, visto que a senhora alludida é uma jovem rica, muito conhecida pelo seu fanatismo religioso.

A policia continua o inquerito em segredo de justiça.

O grande balcão

«E' motivo de grande escandalo uma noticia que corre com insistencia e que a imprensa liberal está divulgando espalhafatosamente, sem que tenha sido desmentida pelo Vaticano.

Affirma essa noticia que o fallecido rei Leopoldo II da Belgica doôu ao papa Pio X dois milhões de liras, em signal de gratidão por ter reconhecido o seu casamento morganatico com a senhora De la Croix, por elle nomeada baroneza de Vaughan.»

Este «em signal de gratidão» é um eufemismo. Em outros termos: Leopoldo II pagou 2 milhões pelo reconhecimento de seu enlace morganatico com a de Vaughan.

Quem sabe se ainda não veremos o Saligaud II beatificado? Elle tem os necessarios requisitos para aspirar á santidade.

E' tudo questão de dinheiro.

Duas mascaras...

Refere a imprensa que um padre, durante o carnaval, aggrediu com o guarda-chuva um mascarado que o importunou com o esguicho dum lança-perfume, faltando-lhe sacrilegamente ao respeito.

E' possivel que o mascarado tenha uma attenuante: haver talvez pensado que se tratava apenas dum collega carnavalesco... Mas o padre teve razão em reagir, e todos deviam ter o direito de transitar livremente sem se exporem ás impertinencias de graciosos bem desgraciosos.

Teve, porém, razão como homem, não como padre christão— pois nesta ultima qualidade devia offerecer a outra face...

♣

Dente venenoso

Numa reunião de amigos referia-se que certo fogoso prègador jesuita, célebre pela sua lingua viperina e insultante, tinha succumbido envenenado na missa, mysteriosamente.

—Decerto mordeu a lingua, explicou um dos circunstantes.

♣

Fecho alegre

Foi um noivo confessar-se, para casar no dia seguinte, e logo de começo lhe pergunta o padre:

—Sabe os mysterios da Paixão e Morte?

—Não, senhor; é a primeira vez que ouço falar disso.

—Oh! senhor, pois é uma coisa que toda a gente sabe!

—Então porque está dizendo que são mysterios?

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

A venda avulsa rende-nos pouco: o jornal é dado aos revendedores com o simples intuito de o diffundirmos, de o tornarmos conhecido.

E' a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel...

Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna!

E, se for possivel, angariar-lhe assignaturas!

Onde está Idalina

A viagem das tres... freiras

Seria o Espirito Santo?

Já ha muito tempo que a nossa pergunta — onde está Idalina? — permanecia sem resposta. Em torno do seu desapparecimento a caligem do misterio era compacta. Nem o clamor da imprensa, nem a acção, aliás indecisa, da nossa ineffavel policia, nem a justiça tinham podido arrancar um indicio, um esclarecimento, nada.

Já suppunhamos morta a infeliz criança; a imaginação, excitada pelos máos precedentes desses jesuitas que dirigem estabelecimentos de educação, evocava o pequeno corpo seviciado, maculado, infamado, pasto da concupiscencia dos sacerdotes; o irreductivel mutismo dos padres do orfanato dava-nos a impressão de um pavoroso delicto, da especie dos que essa casta sabe urdir habilmente.

Parece-nos, entretanto, que nada ha de tragico nem de horrivel no caso Idalina, que talvez sirva para uma opereta com musica offenbachiana.

Segundo recentes informações, ainda um pouco vagas, e que procuraremos ampliar, Idalina e mais duas meninas internadas no orfanato C. Colombo estão na Europa, aonde foram em companhia de tres freiras, que escolheram aquella parte do mundo para a sua *délivrance*, porque as tres esposas de Christo enganaram o divino esposo e, dahí, já se sabe...

Esperamos obter informações mais precisas, que daremos aos nossos leitores, sendo bem possivel que o proprio sr. Stamato nos esclareça sobre o facto.

Idalina e mais duas internadas do orfanato estão na Europa. Decerto escaparam á lubricidade dos reverendos, que se contentaram das freiras.

E como, se aqui ficassem, o escandalo seria inevitavel, mandaram-nas á Europa para ali deixarem o fructo... do Espirito Santo?

Tres freiras gravidas a um tempo! é de alegrar aos que vivem preocupados com o povoamento do solo. E' pena que os filhos das beatas criaturas fiquem na Europa, abandonados talvez a algum asylo.

E' de preferir que os padres prefiram as freiras ás crianças que lhes são confiadas. Evitando-se o caso recente de Cantu e de Marsala, na Italia, ainda ha a vantagem, para os paizes novos, de um rapido augmento de população.

O peor é que nem todos os estabelecimentos de ensino religiosos tem freiras; por isso é de bom aviso que o papa providencie para fornecer tantas quantas forem necessarias.

O christianismo e os escravos

Agora que todos os partidos discutem a questão social, tambem a Igreja pretende merecer a gratidão dos pobres e dos opprimidos, porque lhes tem prestado muitos serviços, principiando por este: «aboliu a escravidão, essa chaga do mundo antigo e das sociedades pagãs.»

Entretanto nos Evangelhos não se encontra uma palavra que exprima ou implique a condemnação da escravidão. O maior dos apostolos, S. Paulo, fala-nos nas suas Epistolas de condições sociaes distinctas e a todos dirige a boa nova: mas que diz esse verbo novo aos opprimidos, aos escravos, nas epistolas de S. Paulo?— Elle recommenda antes de tudo aos homens todos que se submettam ás autoridades temporaes, depositarias do poder, quaesquer que sejam, porque toda autoridade vem de Deus (Rom. XIII). Quer que cada um fique na condição em que nasceu, livre ou escravo, pouco importa (Cor. VII, 20; vv. 22, 24). Por isso que esta morada terrestre não passa duma prova passageira; e supportando com resignação a miseria e a oppressão, adquirem-se merecimentos para o reino dos ceus. E' lá em cima que a fraternidade e a justiça terão o seu triumpho; cá neste mundo o apostolo consagra sem protestos o facto brutal da escravidão, como necessidade preordenada pela Providencia, e á qual devemos resignar-nos.

Todavia, já antes de Christo fôra a escravidão condemnada pela philosophia pagã e os escravos tinham-se insurgido, reclamando a sua emancipação. No seio do hebraismo os essenios professavam a completa abolição da escravatura.

Na historia, antes de Christo, tinham-se registrado as revoltas dos escravos scythas e syrios; a revolta dos escravos da Sicilia (133 annos antes de Christo) provocara uma guerra terrivel, na qual haviam perecido mais de um milhão de victimas.

Espartaco, 73 annos antes da era christã, puzera Roma em perigo capitaneando as revoltas dos seus companheiros de desventura; a Hispanha, as Gallias conheceram tambem as terriveis sublevações da guerra servil.

Pois bem; o christianismo vem precisamente suffocar esse sentimento de liberdade, que tinha despertado nos servos do mundo antigo.

Com a sua redempção celeste fez esquecer a terrestre; o apostolo préga mesmo aos escravos que permaneçam sujeitos aos patrões e *que os sirvam de boa vontade.* O christianismo não despedaça, mas bemdiz os grilhões. Santo Agostinho exalta a virtude de servir de boa vontade, chamando-lhe *livre servidão.*

Comprehende-se facilmente como os patrões de escravos deviam acceitar sem repugnancia uma religião que reconhecia e confirmava a posse do seu rebanho humano. Desde os primeiros tempos a igreja nascente transige com as suas theorias com o fim de salvaguardar os interesses dos patrões: o canon 41 do Concilio de Elvina (anno 303) permitte que o christão, com motivos para recear uma revolta dos seus escravos lhes deixe ter idolos! Assim duas religiões inimigas no resto, eram cumplices em impedir a emancipação dos explorados e em favorecer os exploradores.

Depois de ter o christianismo triumphado officialmente, nenhum decreto de imperadores (que fizeram tantos para interesse da Igreja) é feito no intenta de libertar os trabalhadores da gleba daquelle jugo, que os escriptores modernos dizem ser infamia exclusiva do mundo pagão. Mas decreta-se a excommunhão contra *os que instigam os escravos a abandonar os patrões,* ainda que fosse por motivo de religião (*Con de Granger, 364*): ordena-se que quando dois escravos procurem asylo numa igreja ou em outro lugar sagrado para se casarem *contra a vontade do patrão*, os ministros de Deus se neguem a isso e entreguem os escravos a seus donos (Conc. de Orleans, 541). O interesse, como sempre, governa a Igreja.

De escravos falam varios concilios na idade-media; mas é para decretar cem vergastadas nos que tivessem trabalhado ao domingo (*Narbona, 589*); para lhes vedar a admissão ao sacerdocio (*Orleans, 51: Roma, 595: Bourpeo, 1031*); para lhes prohibir toda e qualquer acção judiciaria (*Rheims, 630*). E já Constantino decretara *pena de morte* contra a mulher *livre* que se desse a um *escravo*; e ao *escravo* que tivesse a ousadia de amar uma *livre*, a pena do fogo (*Cod. Theod*).

A Igreja criou mesmo novas causas de servidão: Um moço livre rapta uma donzela e refugia-se numa igreja? E' declarado *escravo* da Igreja (Conc. de Orleans, 511). Algumas mulheres suspeitas cohabitam com clerigos? Os bispos as *venderão* (*Toledo, 589*) ou as conservarão como escravas no interesse da Igreja (*Roma, 1051*). Os adivinhos, os bruxos serão açoitados e vendidos como escravos (*Narbona, 580*); os filhos de clerigos (e não eram poucos na Idade-Media), esses «bastardos» serão servos da Igreja; e aos juizes é prohibido emancipar essa especie de escravos, sob pena de excommunhão (*Toledo, 658; Pavia, 1012*).

Ainda até á idade moderna a Igreja decretou como obrigação o reduzir á *escravidão* os hereges; assim decretou Clemente VII quanto aos lutheranos (13 de julho de 1528) e Paulo V quanto aos hebreus (1567.)

Isto na pratica; mas as doutrinas não eram melhores. Nenhum santo padre inculcou a libertação dos servos como uma obrigação para os christãos; nenhum a mostrou como consequencia necessaria do christianismo.

O christianismo não veio emancipar os escravos, declara Santo Agostinho, mas torna-los mais doceis e mais fieis, ainda que os senhores sejam injustos (*Enarratio in psalm, XXIV*). E um dos maiores doutores da Igreja, S. Basilio, disse: «O escravo deve obedecer ao patrão com animo resignado e para gloria de Deus, logo que elle não exija coisa contraria á lei divina». (*Disc. mor. regola LXXV*). E Libanio, para melhor dourar a pilula, declara que «o escravo está melhor que o livre»; e entre os mais modernos, Bossuet escreve que «condemnar a escravidão seria entrar nos sentimentos exaggerados... seria condemnar o Espirito Santo que ordena aos escravos, pela bocca de S. Paulo, que continuem no seu estado e não obriga os amos a emancipa-los.» (*Avertiss. aux protest. 50*).

E ha quem creia no «socialismo» da Igreja! A Igreja deslocou os ossos de Galileu quando este affirmava o movimento da Terra e hoje clama que esteve sempre na vanguarda da sciencia. Protegeu os senhores contra os escravos, criou novos motivos de escravidão, theorizou-a e defendeu-a e hoje diz que ella desappareceu por obra sua! Não faz mais do que consagrar os interesses dominantes e proclama-se libertadora!

A. G.

Palestrando com elles

A Escola Moderna

Os follicularios catholicos continuam a vomitar injurias e sandices contra o projecto da Escola Moderna em S. Paulo. Como sempre, não têm em conta argumento algum dos adversarios: calumniadores como jesuitas, cabeçudos como burros...

A Escola Moderna vai prègar a anarchia, estabelecer cursos de philosophia transcendental, discutir a existencia de Deus e semear a discordia... Depois, será a dynamite em acção. E' provavel que as consequencias sejam a fome, a peste, a guerra e as inundações...

Ao lado das bastas infamias, põem tanta asneira, que o effeito todo é perdido e ninguem os toma a sério — salvo talvez as beatas...

Os cães ladram e a caravana passa.

Exemplo de descaro

Referindo-se á nossa breve polemica com o dr. von Ihering, uma folha clerical escreveu que "a imprensa anonyma, anticlerical e anarchista, desta capital, dirigiu os mais pesados e os mais injustos doestos" ao director do Museu Paulista.

Os nossos leitores avaliarão da veracidade desta affirmação — destinada aos bons catholicos, que nada mais lêem.

Depois affirma que as doutrinas de Ferrer são compartilhadas apenas por inconscientes e fanaticos dynamiteiros. Ora Ferrer só se dedicava, ha varios annos, á divulgação das modernas ideias sobre educação infantil — e essas ideias eram, dum lado, as de Pestalozzi e Froebel, e do outro as de Spencer, Tolstoi e Paulo Robin.

São esses os inconscientes...

A liberdade delles...

O mesmo papel clerical, *Gazeta do Polvo*, termina uma das suas estupidas verrinas contra a Escola Moderna com a seguinte phrase entre aspas:

"Liberdade para tudo e para todos, menos para o mal e para os malvados."

Se não fosse a inhibição mental que os afflige, esses desgraçados perceberiam que isso é a definição de liberdade, mas do contrario.

Com effeito, *mal* são todas as ideias que não são as nossas e que nós julgamos nocivas, *malvados* (ao menos para os fanaticos) todos aquelles que não pensam como nós. De modo que aquillo equivale a dizer:

"Liberdade unicamente para nós e para as nossas ideias."

E' a formula da intolerancia odienta e odiosa.

E' o conceito que Torquemada tinha da liberdade.

Argumento de valor

Discorrendo sobre o suicidio, com razões theologicas o sobredito farrapo clerical diz, como argumento decisivo, que ninguem tem o direito de se matar, porque só Deus tem dominio pleno sobre a creatura, só Deus lhe pode tirar a vida. (Deus e os padres, seus legitimos representantes, devia ter acrescentado).

Mas não é o proprio suicida creatura e instrumento de Deus? Se elle se suicida, não o faz porque Deus todo-poderoso o determina? Não é elle apenas o meio pelo qual se realizam os altos designios da divindade?

Ou o suicida age contra a vontade divina? Mas nesse caso, é mais forte do que Deus: pode illudir os seus decretos, subtrahir-se ao seu poder, neutralizar as suas ordens, evidenciar a sua impotencia ou malvadez...

Descalcem lá essa bota.

INSTANTANEOS

O meu collega d'*A Vanguarda* foi ouvir o conego Martins em uma conferencia realisada na Consolação e dando conta, a seus leitores, dos dislates que ouviu, termina assim o velho Tinoco:

O sotaina annunciou aos fieis devotos que nesse dia falaria sobre o baptismo e as suas virtudes.

A' hora marcada lá estava o tal aboletado no pulpito, dando cumprimento ao promettido e depois de ter feito sérias considerações sobre o thema escolhido e ter acremente censurado o paganismo, saiu-se com esta que é mesmo de escachar: «A familia H... tinha, por qualquer motivo que não vem ao caso, o habito de não levar os seus filhos á pia baptismal.

R... filho dessa familia, tornando-se homem, influenciou-se muito por caçadas de pacas e rara era a semana em que elle não se embrenhasse na mata para gozar do delicioso *sport* de sua predilecção.

Certo dia R..., sózinho, metteu-se no mato em procura de caça e quando se achava nas profundezas do sertão teve repentinamente um violento ataque apopletico.

R.., em horriveis contorsões gritava desesperadamente: passarinhos me baptisai! arvores me baptisai! aguas das fontes me baptisai que eu não quero morrer pagão!...

Era o remorso, meus irmãos, que lhe corria a alma no momento da morte!

E R... morreu ali sem ter quem lhe prestasse um soccorro, pois ninguem lhe ouviu os gritos lancinantes!

Achava-se sózinho nas profundezas do sertão!...

Ah! quando o padréco terminou a narração da formidavel baléla, as velhas devotas puxaram dos lenços em soccorro das lagrimas, mas quem deu uma risadinha com muito respeito por se achar dentro do templo, foi o velho — TINOCO.

Em tempo: O pagão a berrar morreu dentro da mata sem encontrar quem o soccorresse, portanto.

Addendo: Quem seria que bispou o facto e foi conta-lo ao padréco? porém — EU MESMO.

***

Revive na alma dos padres e frades actuaes a ferocidade de Arbues e Torquemada. E' bem sabido que a inquisição foi fundada para firmar o predominio da igreja papal, bem periclitante; hoje, a padralhada quer vêr se consegue obter que a pena de morte seja comminada por todas as nações.

Assim é que escreve o masmarrão imbecil P. Feliciano Jaque, C. M. F., redactor d' *A Verdade*, de Campinas:

«Finalmente; o fim principal de toda pena é restabelecer a desordem produzida pelo crime, pelo mesmo ha de ser proporcionada ao delicto commettido. Digam-me agora, os inimigos da pena é proporcional para castigar o regicidio, o parricidio, os convictos de agitadores das massas populares contra as vidas da sociedade?

Os agitadores das massas populares... ein? Como aqui se enquadram perfeitamente todos os homens avançados, desde Tolstoi a Faure e a Furnemont!

Quanto odio impotente reçuma nestas linhas de máu e claudicante portuguêz.

E o mesmo jornal clama descompassadamente contra o governo francez, que suspendeu a pensão a 5 padres de Agen, que haviam lido a pastoral contra a lei da separação.

Ora, a pastoral é obra de «convictos de agitadores das massas populares», os bispos, logo, segundo o padre Feliciano taes agitadores merecem a pena de morte.

São coherentes, estes padrecos...

***

Adão e seus primeiros descendentes forçosamente soffreram males physicos para os quaes tiveram necessidade de procurar correctivos,—o que, julgamos, não lhes seria difficil obter, tendo sido Adão o mais perfeito dos homens até então, por ter sido obra directa das mãos do proprio Creador!

Quem escreve isso é um medico. Este medico é o dr. Jorge da Cunha. O dr. Jorge da Cunha é collaborador d' *A Verdade*, jornal de Campinas pertencente ao padre Ozamis. E' um catholico militante. E' pena, realmente, que o padre eterno não creasse o dr. Jorge para medico de Adão. Estaria muito bem ao lado do primeiro homem, ao passo que hoje, no que diz e escreve, traz-nos a sensação de qualquer coisa anachronica, tresandando a mofo de muitos seculos.

E' um medico que escreve aquillo!

Risum teneatis...

***

Proseguimos a publicação da lista de reliquias que o papa deseja comprar para completar sua collecção:

Um ramo da arvore do Bem e do Mal,

A capa deixada por José nas mãos da mulher de Putiphar;

O bezerro de ouro que os hebreus adoraram no deserto;

Um fio de barba do padre eterno arrancado por Moysés no monte Sinai;

Um pedaço de lingua da mulher de Job;

O oculo com que Moysés viu a terra de Channan. Effectivamente Moysés a viu «por um oculo.»

O rabo ou uma das orelhas da jumenta de Balaão;

LÉO TAXIL II.

Se quereis favorecer A LANTERNA

e contribuir para a sua crescente prosperidade e influencia, buscai-lhe assignantes e leitores, promovei a sua diffusão.

A assignatura paga adiantadamente é o melhor auxilio.

"A Lanterna" em Jardinopolis

O padre Ravaioli, coitado, lamentavel no seu desastre, quiz desafogar a sua irritação e foi para a secção livre d'*A Cidade* e do *Diario da Manhã* de Ribeirão Preto esbravejar contra Ristori.

Não suspeitando que contra si proprio argumenta, grita que Ristori não tem estudos, ao passo que elle, reverendo, está todo carimbado de diplomas e de sapiencias estampilhadas. Um homem bem armado é batido por outro, dotado de pulso rijo; e vai o primeiro e consola-se berrando que estava bem armado, não percebendo que accentua a sua derrota. Apanha, mas tem diploma; e o diploma prevalece contra o facto...

Como se os diplomas fossem garantia segura do saber e da intelligencia!

O facto é que o reverendo levava o seu recado bem decorado pelos livros, contando com certa argumentação e não com a que lhe saiu. E dahi o ficar desmontado e desnorteado...

Em boletim, datado de Salles Oliveira, o sr. Ristori responde ao tonsurado, ampliando e condimentando saborosamente a resposta no ultimo numero da *La Battaglia*.

O CORRESPONDENTE.

O melhor auxilio

Como todos sabem, os jornaes de propaganda como o nosso não dispõem em geral de capitaes e apoiam-se sobre a energia dos seus redactores e cooperadores, bem como sobre a boa vontade dos assignantes e leitores.

Não havendo subsidios, nem capitaes, nem verbas escusas—a nossa melhor e mais digna fonte de receita são as assignaturas. Os annuncios dão muito pouco; a venda avulsa só serve para a propaganda, *pois dá prejuizo*; a subscripção voluntaria tem até hoje rendido uma insignificancia, custando-nos recorrer a esse meio.

Muitos, porém, recusam assignar porque — explicam elles — *receiam que o jornal sossobre ao cabo de poucos numeros*, como tem succedido a outros! Ora, se todos raciocinam desse modo, é claro que o jornal não terá vida segura, porque não pode ser feito sem dinheiro.

E afinal, muitos dos que, á guisa de... desculpa, nos servem esse argumento, são capazes de *arriscar*, não dez, mas vinte mil reis ou mais, na loteria ou no bicho...

A coisa é simples: a *Lanterna* é util? Quereis verdadeiramente contribuir para a sua vida? Pois o melhor meio é a assignatura, paga quanto antes e com a menor despesa possivel de cobrança.

Por nossa parte, FAREMOS TUDO para sustentar esta folha, julgando obra util um jornal popular, de combate, que não prejudica de modo algum—antes favorece— a acção de revistas e outras publicações de genero differente.

Além desse caracter, é extrapartidario o nosso jornal. Ha outros jornaes anticlericaes, que pertencem a uma facção politica e fazem politica de preferencia, presos, portanto, a compromissos. O seu anticlericalismo é ponto secundario.

Eis porque queremos persistir e vencer. E contamos com a victoria. Que os amigos nos ajudem, pois os inicios são promettedores.

Porque combatemos o clericalismo?

IV

E' sempre digno de interesse o que dizem os jesuitas quando algum figurão do mundo politico abandona o proscenio da vida onde bem ou mal desempenhou seu papel de repetente, um dos mais comicos.

Nestas circumstancias não pode o clericalismo official deixar de chamar a attenção (sempre a nefasta propaganda) para uma das figuras mais importantes da Belgica.

Todos nós sabemos que a vida de Leopoldo II é mesclada de sangue e de miseria, como o Mexico e o Congo, e de galanteios de prostibulo incompativeis com quem, pelo facto de ser monarcha, apparenta austeridade nos mais pequenos actos.

Dentre os muitos artigos publicados para desfazer a má impressão que por ventura tenha causado nos circulos catholicos a atitude do clero ante o moribundo rei belga, merecem transcripção alguns trechos de um artigo que o orgam religioso *La Croix* publicou:

«Tem-se falado muito de Leopoldo II, da sua conducta privada, do seu fim christão.

Muitos perguntam se elle representava uma comedia. A sua sua vida privada é deploravel e escandalosa e ninguem póde tentar defende-la; porém o seu final foi muito christão e mesmo edificante.

Incontestavelmente o rei tinha fé, apesar de seus costumes deploraveis. Ha quatro ou cinco mezes, por occasião de um ataque da doença que o devia prostrar, pensou em pôr sua consciencia a salvo. Restabeleceu-se e não falou mais nisso.

No mez de dezembro, sentindo-se muito mal, mandou chamar o deão de Lacken, confessou-se e commungou.

Antes da operação quiz ainda confessar-se e commungar (pudera! com a consciencia tão suja!) e receber a extrema uncção. O deão disse-lhe que uma condição para a receber era acceitar a morte.

O rei teve um movimento de horror e repulsão. Mas serenou e disse immediatamente: «Deus é senhor, eu estou nas suas mãos e acceito tudo quanto elle quizer.»

Depois o deão disse-lhe que ia pedir muito a Deus pela sua salvação. «Orem principalmente pela salvação de minha alma», respondeu o rei.

Leão XIII, que conhecia muito Leopoldo II e que ao mesmo tempo deplorava sua vida, esperava que tivesse um fim christão e dizia: «Este homem possue; com certeza é em virtude das numerosas crianças baptizadas no Congo e para as quaes elle foi um instrumento de salvação. Deus conceder-lhe-á a graça de bem morrer.»

— Têm razão os que perguntam se elle não representava uma comedia. Um rei que estando para morrer, depois de haver levado uma vida degradada, sem nunca se ter lembrado de «pôr sua consciencia em ordem» e que depois de ter melhorado se esquece e não fala mais nisso, nada mais faz do que representar uma comedia, que varía segundo as circumstancias.

Mas o que é incontestavel para a padralhada é que elle se confessou e commungou, dando a entender que «nunca é tarde quando a sorte é boa.»

Ora, nem assim ha de ter direito ao castigo divino: têm a palavra os jesuitas de batina que affirmam que seremos julgados segundo nossas obras, não havendo excepção.

Entretanto Leopoldo II, por obra e graça do deão Lacken, já está perdoado, e Deus, attendendo á elevada jerarchia desse que deixou de ser rei para apodrecer como outro qualquer mortal, ha de deixar de o julgar e seus crimes ficarão impunes porque, segundo Leão XIII, Deus lhe concedeu a graça de bem morrer em virtude das crianças baptizadas no Congo e para as quaes elle foi instrumento de salvação.

Que lhes parece desses jesuitas infames que com o maior sangue frio e pouca vergonha nos enganam, sem olhar as consequencias e se contradizem a cada passo?

Em que ficamos? Ou seremos julgados segundo nossas obras, pela justiça divina, que em tal caso não pode deixar sem castigo

FOLHETIM

GOLIARDO E RATALANGA 16

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

A escola passatempo

De facto, não estavamos em nossos lugares no vagão, já este partia com a rapidez do raio, caminhando cerca de cem kilometros por minuto, levando-nos em dez minutos ao lugar destinado.

Descemos num esplendido planalto ornado pitorescamente de palmeiras e outras plantas medicinaes.

O templo escolar, monumento singular de elegancia e solennidade, surgia no centro da floresta, elevando a prodigiosa altura a sua cupula.

No interior, uma varanda espiral estava já povoada de lunares que iam e vinham, librando-se silenciosamente nas azas, entrando e saindo pelas amplas janelas, emquanto os professores, alternando-se como as vistas, continuavam as lições, que não soffriam interrupção alguma.

Como para a musica, assim para o estudo e para o trabalho, um unico principio director: a continuidade, de modo que cada um possa dedicar-se aos varios ramos da actividade intellectual só quando se sinta disposto.

O professor falava de "evolução moral" em lingua lunar; mas desde que nos viu teve a delicada cortezia de falar em nossa lingua, como um bom florentino.

E eis quanto pudemos apanhar da sua dissertação:

A RELIGIOSIDADE

"Todos os phenomenos moraes da especie primitiva podem reunir-se numa palavra: religiosidade.

"Os nossos progenitores lunares—especie extincta, certamente muito analoga á especie humana da Terra—julgaram que a moral fosse uma qualidade peculiar ao homem.

"Dahi desse facto—além do uso da palavra — os ministros das varias religiões tiraram argumentos para distinguir o homem como criatura privilegiada de todas as outras especies e determinar-lhe uma funcção especial perante a divindade.

"Isso é absolutamente errado.

"Ha homens—em todas as raças—cujos conceitos moraes são absolutamente inferiores aos de muitos animaes.

"E já que temos presentes os nossos apreciados hospedes terrestres, para tornar-me mais comprehensivel me aproveitarei dos exemplos — de resto já assignalados por um illustre inglez, Carlos Darwin e popularizados por um outro estudioso, Canestrini — offerecidos pela propria Terra.

OS ANIMAES FALANTES

Começaremos pela fala.

A fala distingue certamente o homem dos brutos; mas sem recorrer aos "animaes falantes" daquelle abbade patusco que se chamou Casti e que foi o menos que qualquer outro, podemos achar traços da fala tambem nos brutos.

"O rangifer, o cão, o cavallo prestam attenção quando ouvem pronunciar o seu nome. Assim os castores.

"O cão comprehende a significação de algumas palavras, como "Alto! Procura! Volta! Busca!" e disso se aproveitam os caçadores terrestres.

"A gallinha choca emitte, avistando o gavião, um grito particular, comprehendido não só pelos pintainhos como por todos os passaros das cercanias.

"Alguns animaes organizam—em defesa do bando postos de guarda, onde collocam companheiros, se substituem, os quaes, em caso de perigo — dão dão um grito particular; assim fazem as camurças, as marmotas, os corvos.

"Alguns animaes conseguem até articular palavras: os papagaios, a pega, os estorninhos, os melros, etc.

"Brehm conta de um papagaio— Psytacus critacus—que chegou a conhecer umas setenta phrases, das quaes algumas muito longas, que usava a proposito.

"Assim, a seu dono dizia: "Bom dia!" mas se elle voltava á noite, dizia: "Boa noite!" Se saía só dizia: "Bom passeio, senhor!" Se saía acompanhado: "Bom passeio, senhores!".

"Evidentemente esse animal tinha, não só aprendido mecanicamente, mas comprehendido o significado das palavras.

"Pelo contrario, ha ainda hoje povos selvagens—como os Ho da India, os Dammara, os Artakis, etc. —cujos idiomas, na maior parte monosyllabicos, tem falta de termos para exprimir uma infinidade de conceitos e muitos desses povos não têm numeração tanto que contam pelos dedos, e para dizerem *cinco*, dizem "mão completa." Alem dahi não vai o seu pensamento!

Do exposto se comprehende que o mais desenvolvido dos animaes pode estar em semelhante estado intellectual do mais atrazado dos homens

"E, dada a ignorancia da origem da linguagem, não se póde estabelecer com certeza se a differença da linguagem humana e animal esteja na "quantidade" do que na "qualidade" e vice-versa.

***

O capitão e monsenhor — emquanto no grande cinematographo passavam as figuras das especies citadas—davam certos grunhidos de desapprovação, capazes de justificar plenamente as observações do scientista.

Este continuou:

MORAL DOS ANIMAES

"Perty affirmou: O animal sente alegria, dor, amor, odio, gratidão, avareza, generosidade, soberbia; e é accessivel aos affectos e ás paixões do homem.

"Wetzel, que estudou os amores dos animaes, disse que elles têm ideias particulares de belleza: que as femeas mostram gravidade ou faceirice; que em muitos animaes o ciume conduz até ao suicidio."

Neste ponto o orador fez apparecer uma vista originalissima para illustrar algumas observações de Lubbock sobre a intelligencia dos animaes.

Os elephantes arrancam folhas de palmeira e fazem dellas leques nos grandes calores; os castores fabricam cabanas mui parecidas com as dos selvagens; e Carlos Darwin viu um urango tango pôr um bastão numa fenda e servir-se delle como alavanca.

(CONTINÚA)

os crimes de Leopoldo II, ou não seremos julgados por ninguem depois da morte.

Se temos de ser julgados *post mortem*, é nullo o trabalho dos jesuitas e sem razão sua existencia.

E porque elles (os jesuitas) insistem em enganar, perdoando a quem se confessa, quando affirmam elles mesmos existir um Deus que nos ha de julgar depois de mortos, segundo nossos feitos?

Tirai a mascara, infames!

CESAR MATHEUS.

Subsidios para a historia de um crime

Carta de Ferrer a Carlos Malato

Carcel Celular, Barcelona, 1 — 10 — 1909.

Meu caro Carlos,

Acabam de me levantar o segredo em que eu estava encerrado ha um mez, mas ainda não pude ler uma carta, um jornal, nada absolutamente. Em vez de me alojarem na secção destinada aos politicos, puseram-me numa cellula de direito commum, onde passei todo o dia encerrado, sem poder dar noticias a ninguem. E' agora, de noite, que, por complacencia dum empregado, posso escrever-lhe. Vou tentar contar-lhe o meu caso.

Pela minha carta do dia 10, já sabe que não tive o menor conhecimento do projecto de gréve geral para 26 de julho, em signal de protesto contra a guerra de Marrocos; no entanto, não sei como correu o boato de que eu tinha sido o promotor.

Quem começou a fazer correr tal boato? Foram os republicanos lerrouxistas, por ter o movimento origem, segundo referiu a *Humanité*, no meio operario da *Solidaridad obrera*, costumando os lerrouxistas fazer-me passar por inimigo delles, pois que, na sua opinião, eu protegia a *Solidaridad Obrera* que os guerreava? Foram os clericaes que viram uma bella occasião de me pôrem na berlinda mais uma vez? Creio que dos dois lados houve interesse em me fazer mal.

Mas, fosse como fosse, não me importei com isso, certo como estava de não ter tomado a minima parte no movimento e calculando que me deixariam absolutamente socegado, quando uma pessoa da minha familia, chegando a toda a pressa de Alella, me contou ter ouvido uma rapariga dizer que eu estava em Premiá incendiando um convento, acompanhado por um bando de revoltosos; que ella o dizia, não por ter ouvido dizer, não, mas porque me tinha visto, visto com seus proprios olhos, queimar o convento. Que especie de rapariga era esta? Seria a criada duma escola de frades que ha em Alella (minha aldeia natal, pertinho de Mongat) ou a criada dum clerical qualquer, pois ha muitos em Alella? Isto deu-me que pensar. Note-se que não houve um só convento incendiado em Premiá e que naquelle momento ainda eu não tinha estado nessa aldeia.

Por este motivo, preparei a minha partida para o dia seguinte e fui alojar-me, durante alguns dias, em casa de amigos, para deixar passar esse estado de excitação, mostrando-me apenas estivessem acalmados os espiritos.

Alguns dias depois queria eu apresentar-me a um juiz que me chamava, sendo disso dissuadido pelos amigos que me hospedavam:- disseram-me que esperasse mais um pouco, pois o juiz me dava vinte dias de prazo.

Mas no dia 29 de agosto li nos jornaes que o promotor do Supremo Tribunal dissera á saida do palacio, onde fôra ler ao rei o seu relatorio, que eu fôra o organizador do movimento revolucionario em Barcelona e nas povoações da costa. Então, não pude conter-me e, contra a opinião dos meus amigos, resolvi apresentar-me ás autoridades para protestar contra taes boatos e affirmações, embora viessem ellas de muito alto.

Perante o governador de Barcelona

Deixei a casa dos meus amigos na noite de 31 de agosto, afim de ir tomar a linha do interior caminhando uns dez kilometros, para chegar sem obstaculo a Barcelona e ahi apresentar-me livremente, não sendo eu conhecido naquella linha. Mas não contára com os *somatenes* (agentes da policia rural) da minha aldeia, que me prenderam e, apesar das minhas supplicas, em vez de me conduzirem ao juiz, me levaram ao governador de Barcelona. Os camponezes—todos me conheciam—foram para commigo duma selvajaria revoltante. Um, especialmente, de nome Bernardo Miralta, que me apertou fortemente os cotovelos com uma corda, ameaçou-me varias vezes de me queimar os miolos com a sua carabina, dizendo que eu era o homem mais perigoso da terra, segundo o que tinha ouvido dizer e lido nos jornaes.

Durante seis horas guardaram-me na Casa Communal. Em certa altura pedi de beber; trouxeram me uma bilha d'agua fresca e o tal Bernardo não quiz desligar-me da corda para eu matar a sêde. Offereceu-se para me deitar, elle proprio, a agua na bocca. Recusei o Bernardo tornou a levar a bilha. Registro isto apenas para mostrar o estado de espirito dos clericaes a respeito da minha pessoa.

Uma vez frente ao governador de Barcelona, este funccionario disse-me, respondendo aos meus protestos de innocencia, que a leitura dos livros da Escola Moderna bem podia ser uma das primeiras causas da rebellião... era pois responsavel.

Na *jefatura* de policia, depois de ter passado pelo systema Bertillon, ficaram com toda a minha roupa, com tudo, desde as meias ao chapeu, e com espanto dos proprios empregados, pois era a primeira vez que viam fazer tal coisa, deram-me roupa branca comprada num bazar, um fato de quatorze francos, que me ficava pequeno, não sendo possivel abotoar o collete, com uma calça de quinze centimetros a mais e um barrete de criminoso, e assim disfarçado me mandaram ao juiz de instrucção e para a prisão!!!

Eu ia com dois policias no carro cellular que nos levava á cadeia. Este carro saltava tanto, que os agentes nada percebiam. Por fim abriram um postigo para perguntar aos cheiros porque iam tão depressa e por onde passavam. Responderam que tinham ordem de dar uma grande volta para evitar o encontro de operarios á saida das fabricas (era meio dia) e de ir a galope sem parar fosse pelo que fosse.

Chegamos ao primeiro interrogatorio feito pelo major Vicente Llivina y Fernandez, o juiz militar incumbido da instrucção do meu processo. Era no dia da minha prisão, o dia 1 de setembro á tarde. Perguntou-me de que forma passára eu os dias 24, 25 e 26 de julho. Respondi que nos dias 24 e 25 não deixei Mongat e pormenorizei-lhe a minha estada em Barcelona no dia 26, falando-lhe do meu espanto ao saber da declaração de greve geral. Pediu-me então que lhe dissesse se eu julgava que esta greve e rebellião tinham sido dirigidas e por quem... Então expliquei-lhe o que lêra na *Humanité* (primeira quinzena de agosto). Recommendo essa leitura ao amigo, se ainda não leu, como a recommendei ao juiz, parecendo-me uma relação feita por uma pessoa das três ou quatro que tiveram a iniciativa do movimento, tão bem explica tudo o que se passou. Perguntou-me ainda outras coisas, mas eu tive no decurso desse interrogatorio, a impressão de que o juiz estava animado do do espirito que deveria ter todo juiz, isto é, de querer achar a verdade e só a verdade e que me não conservaria por muito tempo enclausurado. Mas passaram-se quatro dias sem que fosse chamado novamente ao juiz, o que me intrigava. Ao quinto dia, porém, reclamou-se a minha presença.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

O Celibato

E' o titulo, bastante improprio, duma compilação de excellentes escriptos de Olavo Bilac, Tolstoi, Aluizio de Azevedo, Catulle Mendés, Camillo Castello Branco, Chartterton Hill, Charles Albert, Balzac e João Chagas sobre o divorcio, o celibato, o amor livre, a physiologia do casamento, coisas varias, muitas das quaes não cabem dentro da palavra que designa o livro—que nem por isso deixa de ser interessantissimo.

A esses escriptos juntam-se varias considerações do compilador, que usa o pseudonymo Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, e uma carta prologo de Frey Fernand, outro pseudonymo.

Este livro, cujo preço marcado é de 3$000, está á venda em nossa redacção ao preço de 2$000, sendo offerecido como premio gratuito a todos os nossos assignantes annuaes que o escolherem, pagando a sua assignatura directamente a esta administração, sem nenhuma despesa de cobrança ou deducção de gastos de remessa.

PEQUENOS ÉCOS

A questão é de preço—O sr. Francisco Fuscalda veio dizer-nos que, tendo ido pedir ao padre Cosentino, vigario do Braz, rezasse uma missa por alma dum suicida, o sacerdote recusou, por ser sacrilegio (varias vezes antes commettido!). O mesmo senhor recorreu ao padre da igreja de S. Pedro, que disse a missa, mas por 15$000, por se tratar de suicida...

Por causa deste traço caracteristico, damos esta nota, mas cumpre-nos fazer observar aos freguezes do santo negocio que a culpa é delles, alimentando-o. E nestas questões entre negociante e freguez, não é a nós que se devem queixar, mas ao *chefe*...

Isto é: queixem-se ao bispo...

Intolerancia — Communica-nos o sr. Luiz Michelucci que, residindo até ha pouco tempo na rua de Santo Antonio n. 280, o proprietario do predio lhe intimou ordem de despejo só por divergencia de opiniões religiosas! Este intolerante senhorio que, dispondo de bens terrestres, abusa do seu poder contra os hereges, chama-se Domingos Marroni.

Como, no fim, começasse a exigir de modo insolente o pagamento immediato do aluguel, o inquilino despedido depositou no juiz de paz a chave e a importancia devida.

Padre brutal — O sr. A. Scarpelitti refere-nos ter sido testemunha presencial do acto dum padre que, ao descer dum bonde, na rua Conselheiro Ramalho, correu sobre uma criança como um louco e a espancou brutalmente, descarregando-lhe duas guardachuvadas e uma chuva de socos, a ponto de a deixar aturdida, por terra.

Este heroi é o reverendo Passalacqua, cujos sentimentos christãos ficam assim brilhantemente demonstrados á face do Evangelho

— Deixai vir a mim as crianças, e não as estorveis...

Mas como hão de ellas ir a Christo, se os ministros deste as espancam e afastam, como outrora os discipulos?!...

Em Ribeirão Preto— Em beneficio da Escola Moderna, realizar-se-á em Ribeirão Preto uma *soirée* dansante na séde da Sociedade «Unione Italiana», rua Florencio de Abreu n. 32, no dia 26 do corrente, ás 9 horas da noite. Espera-se excellente resultado.

Turf — *Jockey Club Paulistano* — Realiza amanhã esta sympathica sociedade turfista a sua 6ª corrida da presente temporada. Com um programma de 7 pareos bem equilibrados, notadamente o 6º em que mais uma vez vão medir forças os valentes parelheiros, Barometro, Tanus, Campana e Grisette. Basta sómente esse para encher de *sportmans* e «habitués» das lutas equinas, as vastas e elegantes archibancadas do velho prado da Moóca.

Aqui destacamos os nossos prognosticos como provaveis vencedores do dia:

Cotton — Vendéa
Kronsprinz — Finesse
Rival — Elegante
Nelson — Violon
Sans Pariel — Baltico
Tanus — Campana
Tiradentes — Darthy.

Azares: Rajah, Colibri, Zut, Herodes, Dellia, Grisette, Cascade.—S. P. T.

Escola Moderna — A falta de espaço nos obriga a adiar a publicação das listas de subscriptores para a Escola Moderna.

São bem animadores os primeiros resultados da subscripção, conforme nossos leitores terão azo de avaliar.

Pró «Lanterna» — O nosso amigo sr. Pedro Colli, de Ponta Grossa, abriu uma subscripção em favor do nosso jornal. Contribuiram os srs. E. Meneghim, P. Colli e J. Athayde com 5$ cada; C. Moro, com 4$; G. Stocco e L. Cavagnari, com 2$ cada um. Total, deduzidos 1$ para gastos postaes: 22$000.

Gratos a todos.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

PREÇO VOLUNTARIO

Bilhetes e recados

S. Paulo + Pode continuar. As perguntas de Zapata são já bem conhecidas.— Satiro Menino, as copias devem ser levadas ao professor de primeiras letras, e não ás redacções de jornaes. Guerra Junqueiro não é satyro: isso é uma atroz calumnia.—Ra Pé: Os seus versos são chistosos, mas de pé quebrado... Saudações.

Nictheroy—F. Dias F.: Recebemos os 18$ e entregámos os 3$. Chegou a segunda remessa de tiras para o folheto de Martins. Cartões só temos agora de cinco desenhos da Escola Moderna; vão cinco para amostra. *Sciencia e Religião* esgotou-se; esperamos nova remessa, mas ainda demora.

Piracicaba — J. Alemany: Está bem. Saudações.

Ponta Grossa—Colli: Recebemos 22$ e o estereoscopio, que foi entregue ao *comité* da Escola Moderna. Tomamos nota de tudo. O jornal será enviado aos indicados. Saudações.

Jardinopolis—Zucchi: Recebemos os 10$ da assignatura do sr. J. P. Sebastião.

Em bem da verdade

O distincto medico do Rio de Janeiro, dr. João José Ribeiro Junior, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, ex-interno do serviço geral do Hospital da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, ex-interno de clinica medica da Faculdade de Medicina do Rio, ex-medico effectivo do hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio, etc., declara sobre a efficacia da Emulsão de Scott, o seguinte:

«Attesto que o preparado conhecido pelo nome de Emulsão de Scott tem dado em minhas mãos os melhores resultados naquellas affecções em que o oleo de bacalhau é indicado, taes como as formas torpidas da tuberculose pulmonar, o rachitismo, as lesões do systema osseo, etc. Sendo a Emulsão de Scott tambem um medicamento hypophosphitado convem além disso para a tonificação do systema nervoso e sanguineo.

Eis o que tenho a declarar em bem da verdade e o que attesto em fé do meu gráo.

Rio de Janeiro.

FOLHETIM (17)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

V

Num angulo via-se um desembargador solenne, embiocado na sobrecasaca, com a attenção presa á roda; em frente, um jogador de profissão, "pharol" sem duvida, envolto em chale-manto, apesar do calor calcinante, carregando sobre muitos numeros, buscando trans fundir nos outros, por meio de gritos incessantes, o desejo fingido via-se bem, de quebrar o banqueiro:

— Ou levo o diabo ou arrebento o banqueiro! — bradava fazendo grande jogo sempre.

Junto ao "pharol" estava um pobre diabo com as phalanges das mãos roidas pelo escorbuto, segurando com difficuldade no dinheiro. O seu rosto barbeado á nazareno, os olhos rasgados, rubros e lacrimejantes pela molestia tinham traços de martyrio, minorando um pouco a repulsão que lhe davam a molestia e a cupidez do ganho. Mais adiante era um pobre camponio ingenuo, dispondo de pequeno capital, via-se pelos suspiros, acompanhando a desapparição das fixas. Fazia menção de sair, abandonar a roleta, mas a ambição o detinha, os gritos animadores do pharol o seduziam: mettia as mãos no bolso, invocando o Bom Jesus de Mattosinhos, jogava as parcas economias, perdia de novo e num suspiro agonioso:

— Quando a sorte não quer é atôa teimar! — murmurava.

E proseguia apesar de tudo.

Outros ainda, num aperto, numa confusão medonha, tornando irrespiravel o ar com o halito de alcool e a transpiração de corpos que se não lavam, rodeavam a banca onde se engolpharam os seus haveres.

O bacharel conseguiu a custo obter lugar e fazer jogo. A sorte lhe sorriu, ganhou, redobrou as paradas e proseguiu sem se lembrar de Laura, que esperava-o para jantar, para sair, talvez, no hotel.

O Chagas, voltando da excursão á velha Congonhas, vira o Senna entre os jogadores, mas não quiz interrompe-lo.

— Para que? E' um inveterado no vicio e a minha presença só poderá ser importuna.

Vinha encantado pelo introito daquelle espectaculo completamente novo para elle. A sua alma de artista se espraiava nos ridentes panoramas, abrindo-se-lhe ante os olhos e sentia-se bem compensado pelo incommodo da viagem. Margeando o rio pela encosta da collina, lá em baixo, na barra, no ponto em que a multidão se movia numa placidez de lago, vira surgir uma cidade nova, como essas moradas ephemeras de ciganos construidas por abarracamento.

As barracas, muito alvas umas, outras de um escuro plumbeo, outras de um amarello argiloso, semeavam-se ao acaso, sem preoccupação de alinhamento, obedecendo sempre á desordem predominante em tudo na planicie, marginando o angulo dos dois rios.

De espaço em espaço, um carr de bois, servindo de abrigo aos peregrinos, cortava a uniformidade do panorama, e por toda a parte fogões improvisados arremessavam espiraes de fumo no ar enfumarado e triste. E o jogo surgia ali mesmo, dominador e invencivel, ora espectaculando-se em pequenas rodas de buzio, ora em bancas de cartas, em pleno sol sobre o areal, sobre o reveldo, e lá dentro, á sombra das tendas.

Mercadoras de amor, com vestes espalhafatosas de cores gritadoras, rondavam até ali na cidade ephemera, em busca do ganho, acercavam-se dos espectadores pedindo sempre — ora que lhe pagassem a cerveja, ora dinheiro para o jantar.

Os mais ingenuos iam caindo no astucioso redil, emquanto o Chagas, com asco do desbragamento de alcouce em plena praça, se esquivara, embrenhando-se de novo no seio da multidão ennovellada no vasto percurso da rua.

Queria aproveitar bem o tempo, ver tudo, analysar aquella feira immensa em que a religião é uma simples capa para os vicios de toda a especie. Parara sobre a ponte onde se embatia a onda humana no constante fluxo e refluxo. O Maranhão rojava silenciosamente no leito arenoso, com as suas aguas turvadas pelas alimarias. O abarracamento, lá em baixo, á margem do rio, era mais pittoresco visto d'ali. Tinha algo de novo, de desconhecido, duplicando o effeito do bello... Que confusão atropeladora naquelle ponto em que se puzera para observar! Que calma calcinante e incommoda! Que vozeria in-

---

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi



Do berço ao tumulo

— O fiel que tira proveito dos sacramentos é um heroi. Heroi na virilidade. Conhece a nobreza do seu coração, mediu a terra e achou-a demasiadamente estreita; viu as riquezas, as honras, os idolos e disse: eu sou maior que tudo isso. Não se viu disputarem-se os farrapos sangrentos dos mantos regios, nem ser derrubada a sociedade pacifica com escriptos ou discursos. Heroi na velhice. A sua alma expande-se toda á vista da eternidade. Este heroi viram-no e vêem-no os seculos e vemo-lo nós hoje nas cidades, e mais vezes no campo sob o pano grosseiro do aldeão. Eis o homem fortificado, nobilitado pelos sacramentos nas diversas circunstancias da sua vida.

E com estes pretextos o padre agarra o recem-nascido, recebe-o no templo onde um dia traficará com a sua alma, condimenta-o com um pouco de oleo, sal, saliva e agua, como com uma salada, constrangendo-o a abraçar uma fé que mais tarde rejeitará. E tudo isto para que, em caso de morte, possa ter a consolação de gastar aos pais algum dinheiro para o acompanharem á ultima morada.

Na idade de 7 annos, não é o padre, mas o padre dos padres, o bispo, que delle se apossará e o manipulará a seu modo para lhe lembrar que é christão e não deve ousar trair a causa da Igreja, fazendo-lhe o signal da cruz sobre a fronte com um pouco de chrisma e dando-lhe na face uma pequena bofetada, afim de que aprenda a tolerar por amor de Christo as injurias e pancadas.

Aos 12 annos, apparece de novo o padre para lembrar aos pais da criança que devem pensar na salvação eterna do filho, obrigando-o a receber o sacramento da penitencia e da eucaristia.

— Pois quê? Consideramos pequena honra a que o Senhor nos fez chamando-nos a comer o seu corpo? Abandonaremos nós vilmente o sangue de Christo; seremos estranhos á mesa eucaristica? Ah! porque não podemos fazer ouvir a nossa voz a todas as mulheres e dizer-lhes: Almas eleitas, reanimai o vosso zelo para suster a nobreza deste sacramento. Não vos intimide a qualificação de *beatas*. Triumphai da baixeza, da ignorancia deste seculo com a vossa conducta devota. Forçai os libertinos a córarem da vossa coragem.

E as mulheres porfiam em mandar as crianças ao catecismo e á confissão. Mas não sabeis, pobres illusas, que no catecismo e no confessionario vos serão corrompidos os filhos e as filhas? Não sabeis que o padre quer conferir-lhes o sacramento da *penitencia* para lhes conhecer os segredos intimos do coração? Não vos importa então que sejam escravos daquelle negro satyro, que as suas interrogações sejam apimentadas com palavras sujas, immoraes? que a confissão seja um grande obstaculo á ordem e á civilização?

DON FRANCISCO BIGLIAZZI —
Ex-prefeito de Seminario.

(Continua).

Premios aos assignantes

Os novos assignantes d'*A Lanterna*, se pagarem a sua assignatura directamente a esta administração — isto é, sem nos causarem despesas de cobrança ou de remessa — e se o pagamento for feito quando pedirem a assignatura ou depois de recebidos, no maximo, dois numeros do jornal, terão direito a um premio constituido por livros ou folhetos no valor de 2$000 para assignatura annual
1$000 » » semestral.

Os livros e folhetos deverão ser escolhidos entre os da lista que damos em seguida e que conseguimos organizar, graças á combinação feita com um depositario de obras racionalistas e sociologicas.

EM PORTUGUEZ

Malvert, *Sciencia e Religião*	2$500
Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*	1$500
Gorki, *Os amassadores*	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*	$100
J. Most, *A Peste religiosa*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*	$100
La Mujer Esclava	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Frank Sutor, *Generaciėn conseiente*	$400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independendencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn*	$100
L. Bulfi, *Huelga de Vientres*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
P. Robin, *La Mujer Publica*	$100
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia)	2$000
Cartões anticlericaes, cada um	$100

Além destas, póde o assignante escolher entre as seguintes, das quaes esperamos de Portugal uma remessa:

Milesbo, *Christo nunca existiu*	$700
H. Salgado, *Religião da Morte*	1$200
E. Haeckel, *Monismo*	1$200
A. Hamon, *Determinismo e responsabilidade*	1$500

Sendo o preço das obras pedidas superior ao valor dos premios, o assignante juntará á importancia da assignaturaa differença a mais.

As obras esperadas serão, apenas nos chegarem, remettidas pela ordem dos pedidos.

A lista dos premios será pouco a pouco alargada e os assignantes poderão, fazendo já o pagamento, ficar com o direito de escolher mais tarde.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Bibliographia

POEMA TRANSCENDENTE, por Saturnino Barbosa, professor pela Escola Normal de S. Paulo. S. Paulo, 1909.

Este poema é a rapida historia da Terra e da civilização, em verso. A Genese e as Eras. O diluvio. — Transformismo, Linguagem. Raça branca. Nascimento da Arte. O homem prehistorico. O fetichismo. — Sciencia, sua razão de ser. A Astronomia; Kepler, Galileu, Newton. — Pantheon: Geographia. Historia Natural. Physica, Chimica. Biologia. — Medicina. Japão. America do Norte. Brasil. — Intelligencia. Paz. Civilização. — Sociologia. Principio e fim do homem. — Pantheon: Christianismo. Occultismo. Positivismo. Evolucionismo. Socialismo. — A Educação. Tal é a relação dos cantos deste poema pouco vulgar.

Num prologo, o autor explica o seu intuito, a razão de ser de sua obra: "Na nossa poesia, mui de industria imprimimos um cunho utilitario, uma feição didactica dando-lhe, não sem razão, pois destina-se aos cursos secundarios das escolas brasileiras."

E', pois, um compendio...

E' indubitavel que cada poeta pertence á sua época; e a sua obra é influenciada, amparada, alimentada pela sciencia e pela philosophia do seu tempo. E é tambem certo que o artista que conhece *scientificamente* o objecto da sua arte o pode ver melhor mesmo *sob o ponto de vista artistico*. Os olhos do poeta sabio vêem melhor, mais conformemente á realidade sã, do que o poeta mystico ou metaphysico. A arte, como a sciencia, é a representação da natureza e como ella tem de procurar ser verdadeira.

Mas nem por isso os pontos de vista de uma e de outra deixam de ser distinctos. Reconhece-o o autor do *Poema Transcendente* quando, em nota final, sentindo necessidade de voltar a justificar o seu processo, reivindicando para o poeta o direito de decantar, com arte, o phenomeno scientifico com mais ou menos minucia, mas *syntheticamente*, acha que seria um cumulo dizer que se vá fazer em verso um tratado de calculo infinitesimal-integral.

Ha, pois, dominios diversos. Ha, pois, um limite — e e a questão está em determina-lo.

Ora, parece-nos que o sr. Saturnino Barbosa oscillou frequentemente sobre esse limite, no qual teve de manter um equilibrio instavel e perigoso.

O prosaismo do estilo didactico é um escolho que o poeta nem sempre evitou.

Exemplifiquemos:

Comte, tratando disso, adduz que é indifferente
Não ser ella do Egypto; e basta que elle seja
Da civilização o manancial potente.
(Soneto XIII)

Não escolhemos esta amostra entre as mais caracteristicas.

Já, por exemplo, no soneto XVI lemos versos bem superiores sob o ponto de vista da arte.

O sabio analyza, escalpelliza, investiga, classifica. Se quer estudar uma flor, corta-a da haste, secciona-a, disseca-a, arranca-lhe as petalas. O artista, porém, respeita-a na sua integridade e vitalidade, com a viveza das suas cores e no ambiente que a cerca.

Devemos, depois disto, reconhecer com o maior prazer que, se o autor do *Poema Transcendente*, pelos consideraveis obstaculos que encontrou, nem sempre conseguiu vence-los, o seu livro não é uma obra falha, mas pelo contrario digno — e facil — de ser lido, interessante e sincero, ao qual não falta nem o calor do verso e da ideia, nem a nobreza do estilo e dos intuitos que o animam. O verso — se não é contado pelos dedos, como previne o poeta — é a cada passo apaixonado e ardente; e o intuito de vulgarização racionalista leva-nos a felicitar o autor e a aconselhar a todos a agradavel leitura do seu livro.

AOS LEITORES

Se não podeis assignar o nosso jornal — o que é o meio melhor de nos ajudar — comprai-o, e ao mesmo tempo contribui para desenvolver a sua venda, dando preferencia aos vendedores d'*A Lanterna* quando preciseis de qualquer outra publicação.

Os clericaes aconselham na sua imprensa o favor aos que *não vendam A Lanterna*. Nós, respondendo a esse acto de estupida intolerancia, apenas pedimos aos nossos correligionarios que favoreçam os vendedores do nosso jornal, não importando que estes vendam tambem jornaes adversarios — pois elles estão no seu officio honesto e nós não tememos a discussão nem o confronto de ideias.

A melhor maneira de combater esta guerra clerical é a assignatura; mas, se não podeis assignar, comprai *A Lanterna* todos os sabbados, e favorecei os nossos vendedores com a vossa preferencia em tudo.

»A Lanterna« no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

Acção Entre Amigos

EM PRÓL DA **«Escola Moderna»**
E DOS JORNAES
a Terra livre, A Lanterna e **La Battaglia**

O premio consta da obra em lingua italiana, intitulada:

«IL SECOLO XIX»

de 14 grandes volumes artisticamente illustrados, tratando da cultura e desenvolvimento dos povos no seculo passado.

A extracção realizar-se-á no dia 5 de março com a dezena da sorte grande da Loteria da Capital Federal.

PREÇO 1$000

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.
Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.
Redactor em chefe: Victor Méric.
Assignatura annual: 6$000.

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.